



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

THACYMARA GOMES FILGUEIRA

EROS E THANATOS NA POÉTICA DE BELCHIOR

Mossoró
2021

THACYMARA GOMES FILGUEIRA

EROS E TANATOS NA POÉTICA DE BELCHIOR

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Maria Remígio Osterne

Mossoró
2021

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

F481e
Filgueira, Thacymara Gomes
Eros e Thanatos na Poética de Belchior. / Thacymara Gomes
Filgueira. - Mossoró, 2021.
40p.

Orientador(a): Profa. M^a. Ana Maria Remígio Osterne.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Belchior. 2. Poética. 3. Ditadura militar. 4. Eros e Thanatos. I. Osterne, Ana Maria Remígio. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

THACYMARA GOMES FILGUEIRA

EROS E THANATOS NA POÉTICA DE BELCHIOR

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Profa. Ma. Ana Maria Remígio Osterne (Orientadora)
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Profa. Ma. Danielle Mota Araujo
Universidade Federal do Ceará - Grupo Paideia

Prof. Me. Daniel Augusto de Lima Mariano
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN

Para Ilca Maria Gomes Filgueira e
Raimundo de França Filgueira Filho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho e ultrapassar todos os obstáculos encontrados durante todos os meus anos de estudo.

Agradeço à mainha e painho por, mesmo não tendo tido acesso, terem dado as condições para que eu chegasse até aqui. Ilca e Junior, vocês são a base de tudo o que sou ou do que venha a me tornar.

Agradeço a Tia Maria Francisca, um dos grandes pilares da minha família, uma mulher de uma força gigante e de uma generosidade incomum. Um anjo que sempre protegeu a mim, meus pais e meus irmãos.

Agradeço aos meus irmãos Thacyane, Thaynara, Thayonara, Thayhrony e Thony pela troca, irmandade, amizade e apoio.

Agradeço à vovó Baica, aos meus tios e tias maternos e paternos, a todos os familiares que contribuíram na minha formação.

Agradeço aos meus amigos da vida que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava na realização deste trabalho.

Agradeço aos amigos e vizinhos com quem tenho a chance de conviver tão de perto e por tanto tempo. Samara, obrigada pela amizade da vida inteira.

Agradeço aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como profissional, mas também como pessoa.

Agradeço aos amigos que fiz na faculdade, Vanda, Bia, Lucas e Camila, obrigada pela amizade e partilha de sempre.

Agradeço ao meu cunhado Netinho pela amizade e companheirismo de sempre.

Agradeço ao professor Daniel Mariano e à professora Danielle Mota, que, gentilmente, aceitaram participar da minha banca de TCC.

Agradeço à professora Ana Remígio pelos ensinamentos, pela disponibilidade, serenidade, paciência e, principalmente, pelas reflexões que levarei para vida.

Por fim, agradeço aos servidores do DLV - Departamento de Letras Vernáculas da UERN, por terem contribuído direta ou indiretamente na formação.

“Amar e mudar as coisas me interessa mais.” (BELCHIOR, A.C. *Alucinação*. 1976).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar de que maneira o cantor Belchior dialogava com a sociedade brasileira, buscando compreender a sua produção, farta em análises críticas sobre diversos temas. O contexto histórico é uma perspectiva de análise, visando conhecer o contexto político e cultural em que Belchior estava inserido. Diante disso, abordaremos por meio das canções “Alucinação” e “Como Nossos Pais”, do álbum *Alucinação*, de 1976, a relação da poética de Belchior com o imaginário mítico de Eros e Thanatos, que traz a dualidade dos instintos de vida e de morte, na qual o primeiro – Eros – faz conexões com o amor e ações pró-sociais e o segundo – Thanatos – está ligado a uma morte social, dá-se pelo tom revolucionário da sua poesia, que ecoava as dificuldades e dilemas enfrentados pela sociedade brasileira, na década de 1970. Para a fundamentação teórica sobre o contexto histórico estudado, temos as contribuições de Nadine Habert (1992). Para tratarmos sobre o mito de Eros e Thanatos temos as contribuições de Junito Brandão (1991). A metodologia adotada para esta pesquisa é a bibliográfica, além da leitura analítica-interpretativa. Aprofundamos as leituras sobre a obra de Belchior, como também estudos acerca do mito de Eros e Thanatos e, para o cotejamento de ambas, apoiamos no método comparatista.

Palavras-chave: Belchior. Poética. Ditadura Militar. Eros e Thanatos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the way the singer Belchior used to dialogue with Brazilian society which seeks to understand his production, full of critical analysis about a variety of topics. The historical context is an analysis perspective that intends to comprehend the cultural and political context in which Belchior was in. Thus, we will work on the songs “Alucinação” and “Como Nossos Pais”, both from the *Alucinação* album of 1976, to approach the relation between Belchior’s poetic and the mythical imagery of Eros and Thanatos. They bring the dualities of life and death instincts, as the first one – Eros – connects love with pro-social actions, while the second one – Thanatos – is connected to a social death, given by the revolutionary tone of his poetry that echoed the difficulties and dilemma faced by the Brazilian society in the 1970s. The theoretical foundation about the historical context, we have the contributions of Nadine Habert (1992). In order to discuss about the myths of Eros and Thanatos, we have the contributions of Junito Brandão (1991). The methodology used on this research is the bibliographic one, in addition to the analytical-interpretive reading. We went further on the readings about Belchior’s work, as well as the myths of Eros and Thanatos, and we support our studies on the comparative method.

Keywords: Belchior. Poetics. Military Dictatorship. Eros and Thanatos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BRASIL 70 E ALUCINAÇÃO	13
2.1 Brasil torturado	13
2.2 Arte e militância	18
2.3 De Sobral, um latinoamericano universal	22
3 “AMAR E MUDAR AS COISAS” – EROS VENCENDO THANATOS	25
3.1 Eros e Thanatos	25
3.2 “Alucinação”	26
3.3 “Como Nossos Pais”	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXO A	38
ANEXO B	39

1 INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver esta proposta de pesquisa é compreender de que maneira Belchior dialogava com a sociedade brasileira, buscando pelo entendimento de sua produção, farta em análises críticas sobre diversos temas. O contexto histórico é uma perspectiva de análise, interpretação e tradução da realidade, visando compreender o movimento do real, para buscar a maior fidedignidade ao objeto de estudo – nosso recorte é a década de 1970.

A pesquisa tem como objetivo geral relacionar a poética de Belchior, que traz canções românticas e politizadas (de forma específica no álbum *Alucinação* - 1976), ao imaginário mítico de Eros e Tanatos, que traz a dualidade de vida e de morte, abordada inicialmente por Freud como pulsão de vida e pulsão de morte¹. No entanto, nossa abordagem seguirá a orientação do simbólico mítico, sem viés de crítica psicanalítica, mas absorvendo o termo pulsão, por seu caráter explicativo de tendência a algo. Dessa forma, abordaremos o contexto social, histórico e político da década de 1970 e sua influência na poética de Belchior, o imaginário mítico de Eros e Thanatos e as relações do amor e da morte na poética do compositor cearense, bem como suas reivindicações simbólicas.

Partindo do contexto de ditadura militar, a relação poética de Belchior com o mito de Eros e Thanatos perpassa diversos temas, ecoando as dificuldades e dilemas enfrentados pela população brasileira, na década de 1970. Nesse sentido, busca-se a aproximação da produção de Belchior, tentando captar, na obra, a relação entre o imaginário da sua poética com aqueles mitos, estabelecidos como elementos para uma crítica social.

Os mitos Eros e Thanatos estão relacionados a forças ou desejos distintos: Eros – a pulsão de vida, libido, sobrevivência, apetite, sede e sexo; Thanatos – a pulsão de morte, a negação e destruição. Para Brandão (1991, p. 357), Eros é uma força, uma energia, perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um sujeito em busca do objeto. Ainda de acordo com Brandão (1991, p. 399), Thanatos é uma descontinuidade, inversão de vida.

¹ Segundo Azevedo e Melo Neto (2015, p. 67) a pulsão de vida caracteriza-se pelo investimento (no sentido de promover um interesse) e a unificação; já a pulsão de morte, pela inanição, pela perda da excitação e pela descatexização (desinvestir de energia psíquica). Esta teoria (das pulsões) foi enunciada por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920).

Nesse sentido, a relação da poética de Belchior com os mitos de Eros e Thanatos dá-se pelo tom revolucionário da sua poesia, que coincide com um período de profundos conflitos sociais. Em *Alucinação*² o cantor reverberou críticas e inconformismo, trouxe para a sua poética o terror e as angústias de uma sociedade que estava inserida no contexto de um repressivo regime militar. Como todo poeta que aspira à liberdade, para Belchior o amor é dado como toda possibilidade de mudança.

A escolha do álbum *Alucinação* deu-se pelos ideais dos versos compostos por Belchior, que também os interpreta. Sua visão poética da década de 1970 ainda dialoga com os dias atuais, seus versos não ficaram parados no tempo. O álbum *Alucinação* possibilita diversas interpretações, mas, observando o período em que foi lançado, é possível identificar várias críticas direcionadas ao regime ditatorial daquela época. O disco, instrumento utilizado por Belchior para registrar suas canções, consagrou o cantor como um dos expoentes da cultura brasileira, sensibilizando a mente de várias gerações.

O álbum desperta a atenção pelo esmero estético e temática de suas letras, trazendo, em sua poética, inspiração para a transformação social. O disco sintetiza, em dez faixas, as angústias, as dores, os medos e as esperanças de uma geração. Expressando a si mesmo, traduzindo o seu olhar sobre o cotidiano, Belchior produziu uma obra fundamental para compreender o Brasil da década de 1970 e uma geração que atravessou anos de opressão e silenciamento.

Para nos embasarmos teoricamente, traremos à discussão os aportes teóricos de Paz (1982) sobre a Teoria da Literatura, apresentando uma breve definição sobre Poema e Poesia. Para o embasamento em Literatura Comparada, traremos as considerações de Carvalho (2006), com definições e características dessa linha de estudo. Para tratarmos sobre o Imaginário, que é um conjunto de ideias, crenças e ideologias também sobre mito, utilizaremos as contribuições de Wunenburger (2007). Traremos também as considerações de Barreto (2008), que oferece contribuições acerca da imaginação simbólica, compreendendo a imaginação como uma faculdade humana essencial.

² O álbum *Alucinação*, lançado em 1976, é o segundo LP do cantor e compositor Belchior (1946 - 2017), pela gravadora PolyGram/Philips e produzido por Marco Mazzola. Considerado a obra-prima do cantor, o disco atingiu uma extensa exposição na mídia, chegando a vender 30 mil cópias em um mês. Nele estão alguns dos maiores sucessos da carreira do cantor e compositor, como “Apenas Um Rapaz Latino Americano” e “Como Nossos Pais”.

A metodologia aplicada para a realização deste trabalho será a Pesquisa Bibliográfica, fundamentando-se em leituras de textos indicados. Aprofundando-se, principalmente, em estudos sobre a obra de Belchior e do mito de Eros e Thanatos, para o cotejamento de ambas, apoiamo-nos no método comparatista. A análise final de nosso recorte, sobre as canções “Alucinação” e “Como Nossos Pais”, será desenvolvida a partir de uma leitura analítica-interpretativa, observando os preceitos de Amorim (2011, p. 70 – grifos do autor) sobre a leitura analítica:

[...] Mesmo tendo todo o direito à indagação, não podemos *inventar* o texto para conveniência da nossa análise. Podemos pressupor e imaginar, mas não substituir o texto que temos diante de nós [...]. A pressuposição e a imaginação, depois de seu *passeio*, devem voltar ao texto e cotejar suas inferências para ver se o texto as confirma ou as rejeita. (AMORIM, 2011, p. 70)

Sobre o ato de interpretar, esclarece Amorim (2011, p. 72 – grifo do autor): “[...] é uma tarefa que, a partir da análise e nela baseado, procura explicar os sentidos de um texto, operando uma *mediação* entre este e seus leitores.”

Ainda como embasamento teórico, destacamos as interlocuções com Nadine Habert (1992) sobre o contexto histórico, político e cultural da década de 1970, bem como o texto de Rossetti (2017) para descrever a trajetória de Belchior e a política, na década de 1970. Destacamos também Junito Brandão (1991; 2009) trazendo sua fundamental contribuição sobre Mitologia Grega, esclarecendo aspectos dos mitos abordados.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro, esta Introdução, que apresenta a pesquisa, elucidando objeto e tema abordado, metodologia, embasamento teórico e disposição temática dos demais capítulos; o segundo traz o contexto histórico, político e cultural do Brasil e a poética de Belchior na década de 70; no capítulo 3, apresentamos as análises das canções, relacionando-as com o imaginário mítico de Eros e Thanatos.

Espera-se atrair novas reflexões e hipóteses interpretativas acerca do tema, como também servir de base para outros estudos da área.

2 BRASIL 70 E ALUCINAÇÃO

Neste capítulo abordaremos o contexto histórico, político e cultural em que o álbum *Alucinação* estava inserido, como também a trajetória de Belchior e os acontecimentos que influenciaram sua poética, durante a década de 1970.

2.1 Brasil torturado

No início da década de 1970, durante o governo do general Garrastazu Médici, o Brasil vivia o período mais duro da ditadura militar implantada em 1964, com propósitos de afastar o presidente João Goulart e seus aliados e de fazer uma “limpeza” nas instituições, excluindo os comunistas adversários, chegando, inclusive, a fechar o Congresso Brasileiro. Esse período ficou marcado por práticas de Atos Institucionais, perseguição política, uma intensa repressão àqueles que eram contra o sistema ditatorial, com intensa censura. O regime militar extrapolou suas próprias leis, com a prática de atos ilegais, cometendo crimes contra os direitos humanos. Nas palavras de Nadine Habert (1992, p. 7):

A Censura estava institucionalizada, a tortura aos presos políticos corria solta. A repressão e o clima de terror que o Estado ditatorial impôs em nome da “Segurança Nacional” e do “combate à subversão comunista” haviam desagregado e reduzido ao silêncio os movimentos sociais. (HABERT, 1992, p. 7).

Nesse cenário marcado por forte repressão, com a atualização da Lei de Segurança Nacional, que trazia decretos ainda mais fortes, com um ideal de guerra revolucionária, uma nova legislação previa pena de morte por fuzilamento, fortes penalizações para coibir a manifestação do pensamento, principalmente aquele veiculado pelos meios de comunicação. Segundo Habert (1992, p.5), o clima da época estava representado nos versos – reprimidos – de Chico Buarque de Holanda, na música “Apesar de você”:

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu

Você que inventou esse estado
 E inventou de inventar
 Toda a escuridão. (*apud* HABERT, 1992, p. 5)

A ditadura militar produziu, além de um sistema de repressão e tortura, um crescimento econômico, atingindo o auge da sua popularidade. Em imensa euforia, a propaganda oficial prometia que, até o ano 2000, o Brasil conquistaria a categoria de “Grande Potência Mundial”. Aqueles eram os anos do “milagre econômico”. Os altos índices econômicos apresentados pelo Brasil possibilitaram a internacionalização da economia brasileira. Já no cenário interno, gerou-se um mercado consumidor. Enquanto isso, de acordo com Habert (1992, p. 8) nas rádios de todo Brasil, ecoavam canções ufanistas como a música “Eu te amo, meu Brasil”, da dupla Dom e Ravel:

Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
 Meu coração é verde, amarelo, branco, azul-anil
 Eu te amo, meu Brasil, eu te amo,
 Ninguém segura a Juventude do Brasil (*apud* HABERT, 1992, p. 08).

A economia, que ia tão bem durante a década de 1970, foi um dos pilares que sustentaram o regime militar e todo o seu discurso autoritário e ditatorial que estava estampado em *outdoors*, exibindo propagandas em defesa do regime da época para convencer a população de que aquele estado militarista era algo positivo. *Slogans* como “Ninguém segura este País” ou “Pra frente Brasil” eram utilizados para promover a imagem de progresso e satisfação social. Para Habert (1992, p.8), o patriotismo estava propagado nos hinos ufanistas como “Este é um país que vai pra frente”, do grupo Os Incríveis:

Este é um país que vai pra frente
 De um povo unido de grande valor
 É um país que canta trabalha e se agiganta
 É o Brasil do nosso amor. (*apud* HABERT, 1992, p. 08)

O grande milagre econômico brasileiro daquele período foi garantido pelo investimento estrangeiro, feito no Brasil por empresas multinacionais e também através do acesso às linhas de crédito disponibilizadas por instituições financeiras estrangeiras. Segundo Habert (1992), com intuito de centralizar as decisões econômicas, foi criado o Banco Central. Do mesmo modo, com intuito de favorecer o

crédito e resolver o déficit habitacional, o governo criou o SFH (Sistema Financeiro Habitacional), formado pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) e pela CEF (Caixa Econômica Federal).

Ainda de acordo com Habert (1992), outro fator importante, foi a criação de bancos para estimular o mercado de capitais e a abertura de crédito para o consumidor, melhorando, entre outros, o desempenho da indústria de automóveis. O então Ministro da Fazenda, Delfim Neto, justificou essas medidas como fundamentais para impulsionar o crescimento do País, utilizando a metáfora do bolo, que precisava crescer para depois ser repartido. Entretanto, no final de 1973, terminava o ciclo de expansão e do crescimento da economia brasileira, com a crise do petróleo, ocasionada pela guerra árabe-israelense, que levou os países árabes a criarem Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep) e, assim, elevarem o preço. Com o abalo econômico mundial, o governo dos Estados Unidos promoveu a elevação dos juros. O Brasil foi, então, duplamente atingido, gerando uma crise econômica interna. No País do “milagre econômico”, outros números mostravam a realidade sem mistérios. Sobre o “milagre”, esclarece Nadine Habert (1992, p. 13-14):

Na realidade, o crescimento da economia brasileira entre 1969 e 1973 nada tinha de milagroso. O período Médici representou a consolidação da expansão capitalista nos moldes que já vinham se delineando, contando com as bases econômicas e políticas anteriormente implantadas e com a recuperação da economia mundial a partir de 1967-68. O que convencionou chamar de “milagre” tinha a sustentá-lo três pilares básicos: o aprofundamento da exploração da classe trabalhadora submetida ao arrocho salarial, às mais duras condições de trabalho e à repressão política; a ação do Estado garantindo a expansão capitalista e a consolidação do grande capital nacional e internacional; e a entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos. (HABERT, 1992, p. 13- 14).

O “milagre”, portanto, veio às custas dos trabalhadores e das classes menos favorecidas. O arrocho salarial e a intensificação da exploração do trabalho foram os elementos básicos para a grande acumulação de capitais (HABERT, 1992, p. 14). No governo militar, os aumentos salariais eram incompatíveis com a inflação e com a produtividade, ficando o salário cada vez mais baixo. Aliado a tudo isso, havia as exaustivas jornadas de trabalho, a pressão das chefias e salários ainda menores pagos às mulheres. Segundo Habert (1992), tudo isso era garantido pela repressão às manifestações operárias, proibição de greves e o controle sobre os sindicatos.

O plano do "milagre" trouxe uma dívida externa muito grande para o Brasil, aliada à má distribuição de renda. O Brasil concentrou sua riqueza nas mãos dos mais ricos, contribuindo, de maneira acentuada, com a desigualdade social. A classe trabalhadora e menos favorecida teve sua situação social e econômica visivelmente precarizada, sendo privada dos seus direitos básicos. Os trabalhadores moravam na periferia, onde faltava tudo: água, luz, transporte, postos de saúde, escolas. Eram condições precárias, sem qualidade de vida.

Ao longo daqueles anos, diante de um cenário de opressão política, violência e desigualdade social, a esquerda resistia e manifestava-se de forma organizada. Muito embora o governo do general Médici e o seu Estado repressivo tenham provocado um retrocesso nos movimentos sociais, a luta contra a ditadura não parou. Grupos estudantis, operários, intelectuais, populares e artistas resistiam ao estado ditatorial da época.

A Igreja Católica assumiu papel de destaque na luta contra a repressão e a tortura. Inicialmente, populares reuniam-se nas paróquias e discutiam os problemas enfrentados pela comunidade. Em pequenas assembleias, os moradores articulavam-se e levavam suas reivindicações até as autoridades. Essas movimentações deram origem a movimentos maiores. Segundo Habert (1992), foi por iniciativa das mulheres de Clubes de Mães que surgiu, em 1973, o Movimento Contra o Custo de Vida, que ganhou notoriedade na década de 70. Com maior comprometimento da Igreja Católica nas causas populares, a posição dessa instituição diante do regime militar foi redefinida. Nadine Habert (1992, p. 37) afirma que:

Com o maior fechamento político do regime militar em 1968, começou a prevalecer na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) o setor mais atuante da Igreja, que adotou posições de duras críticas ao governo militar, colocando-se na defesa dos direitos humanos e denunciando a situação de injustiça social em que vivia o povo brasileiro. (HABERT, 1992, p. 37).

Diante da crise econômica e do fim da euforia do "milagre", o nome do general Ernesto Geisel, um militar da "linha castelista"³, foi anunciado para substituir Médici, em meados de 1973, com intuito de garantir a continuidade do regime diante da crise, buscando uma nova institucionalização do regime, em oposição à linha dura, afinal, a

³ Nome originado do general Castello Branco, primeiro presidente após o golpe de 64, que compreendia o regime militar como transitório. Os militares desta ala eram reconhecidos como "moderados", opondo-se aos de "linha dura".

resistência armada já havia sido derrotada e, para garantir continuidade, o regime precisava de articulações políticas para controlar a insatisfação e manifestações de oposição que começaram a surgir.

O governo do general Geisel tomou posse em março de 1974, anunciando um projeto de “distensão política, lenta e gradual”, que mantinha os mesmos princípios de repressão e controle, isto é:

Ao mesmo tempo que continuava usando - e fartamente - o AI-5, a Lei de Segurança Nacional, o aparelho repressivo, promovia algumas reformas políticas nas instituições do poder como a reordenação do papel do Congresso e dos partidos e a reformulação da legislação autoritária, substituindo progressivamente os atos de exceção por outras leis que mantinham o conteúdo principal da dominação política. (HABERT, 1992, p. 43-44).

No início do governo Geisel, a tranquilidade forçada deu lugar às primeiras manifestações. A sociedade começou a resistir mais abertamente à ditadura. Paralelamente, as perseguições políticas e aos movimentos estudantis e populares continuavam. Segundo Habert (1992, p. 49), atentados terroristas praticados por grupos de direita, como sequestros, ameaças a líderes sindicais e explosões de bombas, tomavam de conta do Brasil.

Durante a segunda metade da década de 1970, os atos de protesto contra a ditadura se intensificaram:

As ruas foram tomadas pelos movimentos estudantil, popular, operário de mulheres, alargando o espaço da abertura e revelando que havia não só uma crescente opinião pública contrária ao regime em geral, como também uma diversidade de interesses e reivindicações específicas, de forma de expressão e de organização dos vários setores da sociedade. (HABERT, 1992, p. 51).

Os protestos eram pela liberdade, pelo fim da ditadura e das torturas, pela instalação de eleições livres e pelos direitos humanos. A classe operária alcançou um lugar de destaque diante das lutas nacionais, promovendo grandes greves. O movimento estudantil, que já tinha visibilidade, organizou grandes manifestações, reivindicando a anistia dos opositores presos e ou exilados e uma Assembleia Constituinte. Em março de 1979, diante de um processo eleitoral conturbado, o general João Batista Figueiredo tomou posse para o mandato de seis anos e aprovou o projeto da anistia e o da reformulação partidária.

2.2 Arte e militância

A produção cultural no Brasil, durante os anos da ditadura militar, foi marcada, sobretudo, pelo clima de censura e repressão, de vigilância permanente, dirigida contra o pensamento crítico e inovador, que não se submetia à ideologia dominante, segundo Habert (1992). O desejo era de mudança, através de muita resistência e críticas ideológicas ao governo. Ainda de acordo com Nadine Habert (1992, p. 74):

Se, por um lado, a produção cultural foi influenciada por este clima de terror que atravessou a década com maior ou menor peso, provocando a autocensura, a introspecção e às vezes, a paralisia (situação a que muitos chamaram de “vazio cultural”, por outro lado, apresentou manifestações significativas de resistências e, principalmente, de busca de novas linguagens e novas formas de criação. (HABERT, 1992, p. 74).

No cenário complexo em que se deu a produção cultural na década de 1970, alguns traços podem ser apontados. Durante a ditadura militar a repressão à produção cultural perseguia qualquer ideia que pudesse soar contrária aos ideais do governo. Bastava uma palavra ou frase mal interpretada e a censura apresentava seu caráter repressor. Naquela época, os militares prenderam, sequestram, torturam e exilaram artistas, jornalistas e intelectuais.

Outro traço importante, segundo Habert (1992), na produção cultural dos anos 1970 foi a presença do Estado. Na tentativa de controlar, intermediar, direcionar a produção cultural do Brasil, o Estado financiou projetos, promoveu a produção e distribuição de filmes nacionais, patrocinou montagens de peças de teatro, promoveu *shows* etc:

A partir de 1974-75, o Estado intensificou esta ação e formulou a chamada Política Nacional de Cultura (governo Geisel). O período foi atravessado por acirradas polêmicas nos meios artísticos e intelectuais, envolvendo visões diferentes sobre a política do governo e sobre as relações das artes e dos artistas com o Estado. (HABERT, 1992, p. 75).

Com a promessa de abertura gradual, lenta e segura do governo do general Geisel, artistas e intelectuais esperavam certo alívio na repressão. Porém, dezenas de portarias estipulando retirada de cenas de filmes, de faixas de discos ou censurando obras inteiras, continuaram. Tudo que estava para ser publicado era

controlado. Vez ou outra, o espaço de notícia, fotos e charges censuradas acabavam, dando espaços para receitas culinárias, em sinal de protestos. A fúria da repressão resultou em teatros destruídos, sequestro e interrogatório de artistas e no exílio de músicos e escritores. A produção cultural trazia constatações ao regime militar, com atenção aos grandes temas ideológicos. Segundo Habert (1992), temas políticos e sociais estiveram presentes na produção cultural mais engajada contra a ditadura. Destacaram-se, nessa linha, romances políticos, memórias, depoimentos, denúncias de fatos encobertos pela censura, etc.

Nos anos de 1970, o cinema brasileiro se fortaleceu com o apoio estatal, conseguindo um reconhecimento inédito. Os filmes não retratavam apenas a miséria do país, mas a colocava no centro da sua linguagem, trazendo crítica social e política, com temas relacionados ao contexto de ditadura e censura em que o Brasil estava inserido. para Nadine Habert (1992, p. 76):

Também no cinema destacaram-se filmes que, com diferentes estilos e enfoques, deram ênfase a temas populares e urbanos relacionado à situação brasileira, às condições de vida e às lutas dos trabalhadores, aos migrantes, aos menores, à violência e corrupção policial, ao mundo marginal urbano; adaptações de clássicos da literatura e temas históricos, recuperando episódios e conflitos sociais da história brasileira sob prisma crítico. (HABERT, 1992, p. 76).

O teatro tinha sua arte feita em contato direto com o público. Os grupos independentes baseavam-se em peças de cunho político, abordando temas que representassem a realidade da sociedade. Os artistas do teatro estavam entre os principais alvos da repressão. Nadine Habert (1992, p. 76) afirma que:

As experiências dos grupos independentes de teatro - vivência coletiva, textos adaptados ou escritos pelos próprios integrantes dos grupos, compostos em sua maioria por estudantes e trabalhadores de diversas categorias, temas que representavam e questionavam a realidade social - foram especialmente significativas. Inúmeros grupos (muitos em São Paulo como *Truques, traquejos e teatro; Galo de briga; Núcleo; União e Olho vivo; Treta no teatro*, entre outros) nasceram em torno de propostas que priorizavam sua atuação integrada à realidade e à luta dos trabalhadores, e durante anos desenvolveram um importante trabalho nos bairros, nas paróquias; nas associações de trabalhadores, nas casas de cultura, nos sindicatos, rompendo com os espaços tradicionais e elaborando novas concepções artísticas e de engajamento político. (HABERT, 1992, p. 76).

A literatura, que fazia duras críticas ao regime ditatorial na década de 1970, teve um grande destaque entre as artes de resistência, utilizando as várias formas de escrita para transmitir ideias e intervir nos debates sobre a sociedade e as liberdades públicas, expressando opções de resistências e ideológicas em busca de novas práticas em um tempo de mudanças. A literatura, na ditadura militar, proporcionou reflexões sobre a violências das relações sociais e políticas, reconhecendo, assim, a palavra literária como meio de resistência cultural, principalmente com a chamada “literatura marginal⁴”, da “geração mimeógrafo”, que produzia e distribuía diretamente seu material (fora do círculo editorial, portanto), driblando, assim, os mecanismos de censura.

No cenário musical da produção cultural na década de 1970, cantar passou a ser um ato de risco. Compor, mais ainda, já que a censura estava instaurada sobre aqueles que eram contra o regime. Artistas que estavam vinculados à música, encontravam nas composições de suas canções, uma forma de protesto. Os compositores usavam metáforas para driblar a ditadura. Artistas como Caetano Veloso, Chico Buarque, Geraldo Vandré integram a vasta lista de artistas perseguidos pela ditadura militar.

Segundo Napolitano (2012), surge na sociedade brasileira a MPB, dotada de um alto reconhecimento junto às elites da audiência musical. O autor afirma que:

A partir de então, os movimentos, artistas e eventos musicais e culturais, situados entre os marcos da Bossa Nova (1959) e do Tropicalismo (1968) foram idealizados e percebidos como balizas de um ciclo de renovação musical radical, que ao que tudo indicava, havia se encerrado. Ao longo deste ciclo, surgiu e se consagrou a expressão Música Popular Brasileira (MPB), sigla que sintetiza a busca de uma nova canção que expressasse o Brasil como projeto de nação idealizado por uma cultura política influenciada pela ideologia nacional-popular e pelo ciclo de desenvolvimento industrial, impulsionado a partir dos anos 50. (NAPOLITANO, 2002, p. 1).

O cantor e compositor Geraldo Vandré, foi um dos ícones da música brasileira de protesto. Ganhou repercussão nacional em 1966, no festival da TV Record, com a música "Disparada", composta com Théo de Barros e defendida por Jair Rodrigues. A consagração de Vandré veio através da canção “Para Não Dizer Que Não Falei Das Flores”.

⁴ “Na verdade, *marginal*, é simplesmente o adjetivo mais usado e conhecido para qualificar o trabalho de determinados artistas, também chamados *independentes* ou *alternativos* [...]” (MATTOSO, 1981, p. 8)

Caminhando e cantando e seguindo a canção
 Somos todos iguais, braços dados ou não
 Nas escolas, nas ruas, campos, construções
 Caminhando e cantando e seguindo a canção
 Vem, vamos embora, que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
 Vem, vamos embora, que esperar não é saber
 Quem sabe faz a hora, não espera acontecer
 Pelos campos há fome em grandes plantações
 Pelas ruas marchando indecisos cordões
 Ainda fazem da flor seu mais forte refrão
 E acreditam nas flores vencendo o canhão

[...]

(VANDRÉ, *Geraldo Vandré no Chile*, 1968).

O tema da música também era considerado uma agressão à ditadura, trazendo críticas ao regime, em seus versos marcantes – transformou-se em hino contra a repressão.

Chico Buarque também foi um dos artistas que lutaram contra o sistema. Trazia, em suas canções, uma verdadeira resistência ao regime. Considerado o mais engajado compositor de músicas de protestos, Chico Buarque foi, por isso mesmo, um dos artistas mais perseguidos pela censura. Várias letras de seu cancionário, à época, transitam em vias anti-golpistas, como “Rosa dos ventos”, “Samba de Orly”, “Cordão”, “Acorda amor” (com os pseudônimos de Julinho da Adelaide e Leonel Paiva) e “Cálice” (em parceria com Gilberto Gil), que foi escrita em 1973, trazendo fortes críticas ao regime militar:

Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 Pai, afasta de mim esse cálice
 De vinho tinto de sangue
 Como beber dessa bebida amarga
 Tragar a dor, engolir a labuta
 Mesmo calada a boca, resta o peito
 Silêncio na cidade não se escuta
 De que me vale ser filho da santa
 Melhor seria ser filho da outra
 Outra realidade menos morta
 Tanta mentira, tanta força bruta

[...]

(BUARQUE, Chico, 1989, p.108)

Logo surgiria uma nova geração que, segundo Ana Maria Bahiana (1980, p.173), “[...] só queria mudar o mundo e a música”, mesmo circulando em grupos

diferentes. Revelaram-se compositores como Ivan Lins, Luiz Gonzaga Júnior, Alceu Valença e o cearense Belchior.

2.2 De Sobral, um latinoamericano universal

Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, ou como era e é conhecido, Belchior, nascido em 26 de outubro de 1946, na cidade de Sobral, no interior cearense, foi um memorável cantor, compositor e artista plástico brasileiro. Na década de 1970, ao se mudar para a capital Fortaleza, iniciou sua carreira artística: começou vencendo o IV Festival Universitário da MPB, que era promovido pela antiga TV Tupi, fez contato com Fagner, Ednardo, Cirino, entre outros artistas cearenses, e criaram um grupo que ficou conhecido como pessoal do Ceará.

Numa entrevista nos anos 1970 para o Pasquim, Belchior falava que tinha 22 irmãos, e que o pai dele, o sr. Otávio, pretendia fazer 25 filhos para igualar aos 25 bichos do jogo. Sua mãe, dona Dolores, sempre o criou próximo da vida eclesiástica nordestina – participava do coral na igreja. Logo cedo, Belchior foi apresentado às canções de Ângela Maria e Cauby Peixoto. O compositor, ao mesmo tempo que cantava, iniciou seus estudos em Filosofia, e passou um período hospedado em um mosteiro, na cidade de Guaramiranga, estudando latim, canto gregoriano e italiano. (LIMA, 2017).

Voltando a Fortaleza, entrou para o curso de medicina, da Universidade Federal do Ceará, mas, faltando apenas um ano para terminar, abandonou a faculdade para se dedicar exclusivamente à música. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde conquistou alguns festivais e logo depois partiu para São Paulo, onde criou trilhas sonoras para programas de tv, compôs músicas junto com Fagner, uma delas fazendo sucesso na voz de Elis Regina. A partir daí, Belchior começou sua trajetória para tornar-se um dos artistas brasileiros mais consagrados (Holanda e Sampaio, 2021).

Segundo Rossetti (2017), o contato com as ciências humanas, que Belchior teve através da filosofia, somado à desordem no país, em função do Regime Militar, transformaram o cantor em um crítico obstinado da realidade política e, por conseguinte, um pensador das angústias do povo brasileiro. Em 1976, o artista lançou o LP *Alucinação*, álbum mais famoso de sua carreira, e que reverbera até os dias de hoje. No disco, o compositor fala sobre:

A frustração do jovem com a falta de mudanças políticas e da necessidade de afastamento de visões religiosas nas decisões diárias. Além disso, as faixas do disco vêm carregadas da discussão sobre como é preciso ultrapassar os limites morais impostos pela sociedade e se tornar efetivamente responsável pelos próprios atos, sem deixar de lado a esperança em mudanças no futuro. (ROSSETTI, 2017, p. 2).

Rossetti (2017) aponta que, para Belchior, o LP *Alucinação* foi feito com sinceridade, crueza, afiado e até com certa violência, trabalho apoiado nas reflexões dos atos dos jovens da época, e deu início à fala, direta e abertamente sobre suas frustrações ideológicas, filosóficas e políticas de toda uma geração.

Belchior era atento aos movimentos que aconteciam. Em um programa, ele falou sobre a importância da música na realidade brasileira dos anos 1970, e sua busca por canções que apontassem caminhos alternativos para o regime político-econômico vigente no País.

A minha geração toda ficou ocupada e preocupada com a questão do sonho. Mudar as coisas, mudar o mundo. Os remédios eventuais na questão da mudança do mundo são sempre amargos. Não é que minha música tenha essa qualidade explícita de música de protesto. Minha música era mais de processo. [...] Eu sempre pensei em fazer música sobre a questão do desconcerto do mundo, não era exatamente uma música contra, pura e simplesmente, as coisas que via. E no meio disso, em uma expressão legítima de cidadão comum de não poder estar conformado com o mundo que vê. (VOZES DO NORDESTE, 2007, *apud* ROSSETTI, 2017).

Além disso, na letra de uma de suas músicas, Belchior adjetivava os preconceitos que acometiam o país, pontuando com sua poética quem realmente eram “os invisíveis” da sociedade: os negros, os pobres, as mulheres, os gays, os trabalhadores nas fábricas, as prostitutas e os sem-teto.

Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
 Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
 Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro
 Os humilhados do parque com os seus jornais
 Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
 E a solidão das pessoas dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego
 Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais
 Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"
 Doze jovens coloridos, dois policiais
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida.

[...]
 (BELCHIOR, *Alucinação*, 1976).

Nesse sentido, segundo o cantor, a linguagem direta sobre as angústias, frustrações, falta de sentido da existência do povo brasileiro, tem objetivo de falar aos ouvintes que, “o sonho acabou. Agora temos que inventar um novo. Se o antigo morreu, qual será o próximo?” (CAMINHOS DA CULTURA, 1982 *apud* ROSSETTI, 2017).

Belchior deixou seu legado, foi um mito, um profeta da liberdade para os brasileiros, produziu vários álbuns ao longo de 25 anos, fora as parcerias e coletâneas. O artista faleceu em 30 de abril de 2017, na cidade de Santa Cruz do Sul, aos 70 anos, deixando vasta obra atemporal e de apuro estético.

3 “AMAR E MUDAR AS COISAS” – EROS VENCENDO THANATOS

Neste capítulo, inicialmente abordaremos os mitos de Eros e Thanatos, para, em seguida, procedermos à leitura analítico-interpretativa de nosso recorte – as canções "Alucinação" e "Como Nossos Pais", lançadas no disco *Alucinação*, de 1976, relacionando-as com o imaginário mítico inicialmente apresentado.

3.1 Eros e Thanatos

O mito de Eros e Thanatos foi abordado por Freud na sua obra *Além do princípio do prazer* lançada em 1920 para descrever as teorias das pulsões de vida e de morte, acreditando serem responsáveis por grande parte do comportamento humano. A leitura aqui retratada, no entanto, é baseada em Junito de Souza Brandão e na sua marcante presença como estudioso da Mitologia Grega.

Segundo Brandão (2009), Eros, que em grego significa desejo irreversível, é o deus do amor, o mais belo entre os deuses. Dotado de uma natureza vária e mutável, o mito do amor evoluiu bastante, desde o século IX a.C. ao século VI d.C. No entanto, apesar de suas várias genealogias, Eros, permanecerá sempre, mesmo à época de seus disfarces e indumentárias da época alexandrina, a força fundamental do mundo. Eros tem características bem definidas e significativas: sempre em busca do seu objeto, sabe arquitetar um plano para atingir um objetivo, “a plenitude”. Assim, Eros é “Uma força, uma ‘energia’, perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma carência sempre em busca de uma plenitude. Um sujeito em busca do objeto.” (BRANDÃO, 2009, p. 197).

Brandão (2009) esclarece ainda que Eros – o amor – a pulsão fundamental do ser, a *libido*, uma força espiritual, uma fonte de progresso. O amor é a busca, o desejo da liberdade; Thanatos – a morte – é a "escuridão". O sentido de morrer significa ocultar-se, ser como sombra. “Tânatos⁵ é uma cessação, uma descontinuidade, uma inversão da vida, não um inimigo físico.” (BRANDÃO, 1991, p. 399). É uma fonte de angústia, um véu negro. Do ponto de vista simbólico, de acordo com Brandão (1991), Thanatos é o aspecto destruidor da vida, divindade que introduz almas no mundo das trevas.

⁵ Junito Brandão faz opção pela grafia Tânatos, diferindo da nossa (Thanatos).

No cancionero de Belchior, é possível identificar, de um modo geral, críticas à realidade política do Brasil, reverberando as angústias e frustrações do povo brasileiro. Buscamos, nesse estudo, compreender como se processam as forças míticas opostas – Eros e Thanatos – na construção das imagens poéticas do compositor cearense.

3.2 “Alucinação”

Alucinação foi o segundo álbum lançado pelo cantor Belchior em uma época quando as gravadoras dominavam o mercado musical. No cenário brasileiro daquele período, o compositor mostrou sua elaborada verve poética ao abordar pontos críticos como política, juventude, amor, frustração e destacando os movimentos esquerdistas dos quais a juventude participava.

Nunes (2021), aponta que o álbum *Alucinação* traz ideias compatíveis com o que vivia o compositor, seu autorretrato estava explícito nas canções, às vezes com rebeldia, melodias afiadas e mensagens que eram comparadas a uma espada, atingindo um sistema hipócrita e conservador.

Na canção “Alucinação” (ver anexo A), o compositor canta o que sente, o que vê, o que pensa, como uma alucinação. Em uma entrevista no ano de 1977 (*apud* ROSSETTI, 2017) para a revista Pop⁶, Belchior fala sobre a música-título *Alucinação*: “viver é mais importante do que pensar sobre a vida. É uma forma de delírio absoluto, entende?”. Para o cantor, essa alucinação tem que ser nas coisas reais, no presente, no aqui agora. Isso torna-se um paradoxo, logo, é bem difícil alucinar-se nas coisas reais, concretas (ROSSETTI, 2017).

Conforme Medeiros (2017), a música “Alucinação”, pontuava as discriminações que existiam no país naquela época, e criticava um governo preconceituoso que excluía e maltratavam os negros, os pobres, as mulheres, os gays, os trabalhadores nas fábricas, as prostitutas, os sem-teto, a letra da música diz:

Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha.
Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais.
Garotas dentro da noite.
Os humilhados do parque com os seus jornais.

⁶ Revista da Editora Abril, comercializada entre os anos 1972 e 1979. Segundo Oliveira (2016, p. 70): “[...] nas suas páginas, foram enfocados assuntos sobre comportamento, moda e música voltados para os jovens daquela época.”

Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra. É demais.
Dois policiais cumprindo seu duro dever e defendendo seu amor por nossa
Vida.

[...]

(BELCHIOR, 1976 - grifos nossos).

A canção que dá nome ao disco é atemporal e cheia de vigor, com ternura e lamentosa. Sua aproximação e admiração pela filosofia o ajudou a ter uma percepção singularizada pela existência, sempre soube de que lado deveria estar, se colocou junto aos excluídos, pois se sentia massacrado pela máquina fonográfica e pelo sistema de shows business. (MEDEIROS, 2017).

Na perspectiva mitológica, movido pela pulsão de morte, Belchior traz no seu canto as suas frustrações. Incomodado com o misticismo que ditava e limitava as ações humanas, privando-as do novo, pautadas nos conceitos de bem e mal. Mostrando-se avesso à teorias que viesse a lhe decepcionar depois, o poeta traz críticas às especulações sobre a vida, porque para Belchior o mais importante não são as especulações, as teorias, mas sim, a própria vida. Seguindo essa linha de pensamento, na canção “Alucinação”, o eu lírico traz críticas ao sentido místico que guiava os homens e angustiava Belchior:

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia
Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia a dia
E meu delírio é a experiência com coisas reais.

[...]

(BELCHIOR, 1976 - grifos nossos).

Belchior parecia ter um modo de pensamento próprio, sua ideia de “delírio das coisas reais” era adotada como política, esta ideia aponta para uma reflexão de dois pontos relacionados com a pulsão de morte: diante de uma vida em desespero, exausta, a perda de sentido dos experimentalismos linguísticos, e a constituição da vida em sua concretude como intragável, o que acaba por gerar, um sistema circular delirante, vida exausta. (ZAGHETTO, 2017).

Para Belchior viver é mais importante do que pensar sobre a vida. É um delírio

real. Percebe-se que a alucinação do poeta é concreta, um chamado para o instante presente, para o cotidiano, para a verdadeira realidade de um amargo e angustiante cenário, provocando a sua geração dos anos de 1970 que estava acomodada diante de um contexto de ditadura militar, já não existia luta contra o sistema.

Para o eu lírico, nada adianta se preocupar com as conjunturas astrais e não pensar no seu próximo, não viver com o coração. Ao mostrar a necessidade de aproximação das coisas reais, a canção quebra um pouco desse pensamento místico e mostra o sentimento que o atravessa e é compartilhado pela maioria das pessoas naquele período, no qual a vida é solitária, sofrida, violenta:

E a solidão das pessoas dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego
 Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais
 Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"
 Doze jovens coloridos, dois policiais
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida.

[...]
 (BELCHIOR, 1976).

Na canção, podemos destacar uma aproximação com a morte, no verso “meu corpo que cai do oitavo andar” Belchior (1976), mas não a morte real. Tomado por um sentimento de descontentamento de uma vida sem propósitos, descontinuada, simbolicamente falando, o eu lírico traz essa relação de morte, compreendida como um aspecto destruidor da vida, angústia, como mal-estar e morte social.

Do mesmo modo, a canção faz conexões com a pulsão de vida. Tomado por uma inquietação, um desejo de mudança, de libertação de um cenário sombrio, o eu lírico mostra que apesar de viver em tempos sombrios, existe sim, tempo para amar e mudar as coisas. Então, ao contrário da visão profética de *Laranja Mecânica*⁷, anunciando o terror, o amor é dado como resposta e possibilidade de mudança. O eu lírico encontra no amor a energia necessária para o novo:

Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
Amar e mudar as coisas me interessa mais

⁷ Referência ao romance *Laranja Mecânica* (*Clockwork Orange*, 1962), de Anthony Burgess, que retrata uma sociedade futura, distópica, com uma juventude violenta e um sistema que faz experiências radicais para a mudança de comportamento dessa juventude.

Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais

[...]
(BELCHIOR, 1976 - grifos nossos).

Em Belchior o amor é compreendido como superação das condições desintegradoras do ser. Como alguém que acredita e espera por mudança, o eu lírico, em vez do conformismo diante de um cenário de repressão e das “teorias” que guiavam a juventude, mostra-se interessado nas coisas do dia-a-dia, no amor e na mudança. Esse sentimento do novo e o desejo de felicidade, se espalha por vários versos da poética de Belchior. como podemos observar na canção “Não Leve Flores”, nela o eu lírico mostra que o importante é viver e mesmo que a esperança da juventude tenha morrido, ainda existem esperanças para mudar o futuro. O eu lírico destaca também que, além do amor, outras ferramentas como palavras e sons, são utilizadas para conseguir a liberdade:

Palavra e som são meus caminhos pra ser livre
E eu sigo, sim
Faço o destino com o suor de minha mão

[...]
(BELCHIOR, 1976).

Movido por rebeldia, Belchior lutava por liberdade nos seus versos cheios de provocações e inquietudes, sempre com desejo de mudança. Na música "Alucinação", os versos simples de um rapaz latino americano, lutou por mudanças sociais. Transmitindo as angústias do cotidiano de uma juventude que estava alienada diante de um contexto de ditadura militar, mas acima de tudo, Belchior reverberou, como forma de resistência, o seu desejo e interesse em amar e mudar as coisas.

3.3 “Como Nossos Pais”

A canção “Como Nossos Pais” (ver anexo B), que retrata o conflito de gerações marcado por repressões da ditadura militar, foi composta na década de 1970 por Belchior, e imortalizada na voz de Elis Regina. A canção foi lançada no álbum *Alucinação*, é considerada um dos maiores clássicos da música popular brasileira, atravessando gerações e conquistando apreciadores até os dias atuais. Escrita em

um período conturbado da história do País, fato que influenciou na composição de Belchior.

A canção retrata um diálogo marcado por ansiedade, frustração e esperança. Ao longo de sua música, o compositor Belchior faz referências ao seu interlocutor, que ele nomeia como seu “grande amor”. Pode-se dizer também, que esse “grande amor”, seja o seu País, a sua nação, pois a música foi composta no contexto histórico, social e político brasileiro da década de 1970, período em que o Brasil passava por uma ditadura militar, retratando o cenário de repressão e censura que limitavam a liberdade de expressão, mas por outro lado, traz a esperança de dias melhores.

O eu-lírico apresenta-se como alguém que está carregado de sentimentos, incomodado, marcado por dores, ansiedade e decepções. Contudo, em Belchior, ainda havia esperança e cultivo de novas ideias.

Na perspectiva mitológica de Eros e Tanatos, na qual segundo Brandão (1991), Eros – o amor – é compreendido como uma força, uma energia sempre em busca da plenitude, a força fundamental do ser, pode-se destacar na poética de Belchior, uma motivação à vida, para o compositor, há sempre esperança no amor que nos motiva a lutar por liberdade. Assim podemos observar logo abaixo na estrofe da música:

Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa

[...]

(BELCHIOR, 1976).

Nesta estrofe é possível destacar a crença de Belchior no amor como forma de liberdade e o seu desejo de viver. Apesar de todas as suas frustrações político-sociais, o cantor deposita a sua esperança no amor como forma de mudança, progresso, revelando a força de vida, resistência e mudança, de Eros. Como podemos observar na estrofe a seguir, o cantor está motivado a viver o novo:

Você me pergunta
Pela minha paixão
Digo que estou encantado
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade

Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
 Eu sinto tudo na ferida viva
 Do meu coração

[...]
 (BELCHIOR, 1976 - grifos nossos).

Do mesmo modo, movido pelo instinto de morte – Thanatos – onde segundo Brandão (1991, p. 399), “Thanatos é uma cessação, uma descontinuidade, uma inversão da vida”, Belchior expressava na sua poética as dores e frustrações de uma geração que estava “impedida de viver” a sua liberdade. Incomodado com a imposição da ditadura militar, na estrofe a seguir, Belchior faz referência à repressão sofrida durante o regime militar:

Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram
E o sinal está fechado pra nós
 Que somos jovens
 Para abraçar seu irmão
 E beijar sua menina na rua
 É que se fez o seu braço
 O seu lábio e a sua voz

[...]
 (BELCHIOR, 1976 - grifos nossos).

A interdição assinalada na estrofe acima traz uma nítida condição de Thanatos, impedindo a evolução, o movimento – uma “morte” da progressão natural.

Na estrofe, o eu-lírico também se mostra frustrado com a juventude da época e traz críticas à imparcialidade dessa geração, que se acomodou quando não deveria e parou de questionar. Fazendo conexões com o imaginário mítico de Thanatos, que é uma fonte de angústias Brandão (1991), o eu-lírico expressa sua dor na estrofe a seguir, por ver que a juventude não progrediu, cedeu ao conformismo da geração anterior:

Minha dor é perceber
 Que apesar de termos
 Feito tudo o que fizemos
 Ainda somos os mesmos
 E vivemos
 Ainda somos os mesmos
 E vivemos

Como os nossos pais

[...]
(BELCHIOR, 1976).

Segundo Garrido (2018), na música “Como Nossos Pais”, Belchior diz: “ e hoje eu sei que quem me deu a ideia de uma nova consciência e juventude está em casa, guardado por Deus, contando os seus metais”, em nítida referência ao pessoal que fez parte do movimento tropicália, artistas que ascenderam de uma nova consciência vanguardista, principalmente no tocante a música, sobre quebra de paradigmas e tradições conservadoras no cenário musical da época que se idealizou o movimento e lamentava a acomodação dos antigos.

A canção “Como Nossos Pais” retrata o retrocesso cultural e social de uma geração, que estava inserida em um contexto histórico de repressão e Belchior, porta-voz dessa geração, reverbera em sua poética a angústia e frustração dessa geração.

Através de uma linguagem direta sobre as angústias, desilusões e falta de perspectiva dos brasileiros, o eu-lírico tem o objetivo de despertar a consciência de uma juventude que estava “adormecida”. Belchior tinha uma visão esperançosa sobre o futuro, apesar de viver a incerteza do que estava por vir, acreditava na mudança como algo positivo. Para o artista, a juventude precisava se reinventar, por isso, convida a juventude da sua época a viver e aprender com a nova realidade. Seguindo essa linha de pensamento, na canção “Velha Roupas Coloridas”, Belchior traz a necessidade renovação:

Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem novo
Hoje é antigo, e precisamos todos rejuvenescer

[...]
(BELCHIOR, 1976 – grifo nosso).

Permeado pela pulsão de vida, Eros, o amor, fonte essencial para o ser, que estimula toda a vida a se movimentar, fonte de progresso, Belchior, induz o seu ouvinte a romper às superfícies de valores de contentamento e enfrentar tudo o que reprimia a vontade de viver, amar, mudar as coisas e mostrar que de alguma forma estava vivo. Como um bom revolucionário que aspirava por mudanças, em Belchior

“o passado é uma roupa que já nos serve mais”, se o antigo já morreu, era necessário inventar o novo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo deste trabalho, analisar a poética de Belchior, que traz canções politizadas com o imaginário mítico de Eros e Thanatos, que traz a dualidade de vida e de morte, partindo do contexto de ditadura militar, pode-se concluir que a obra de Antônio Carlos Belchior foi de grande relevância para a sociedade brasileira e para o campo artístico nacional. Com a sua obra, Belchior consolidou-se como um dos grandes representantes no cenário da música brasileira.

Reconhecido por sua grande capacidade de promover debates relevantes sobre diversos temas, Belchior traz na sua poética canções românticas e politizadas, a possibilidade de diversas interpretações, mas no período que foi lançado, é possível identificar várias críticas ao regime ditatorial da década de 1970.

O álbum *Alucinação*, instrumento de pesquisa deste trabalho, lançado em 1976, é o segundo LP do cantor e compositor Belchior, desperta a atenção pelo esmero estético e temática de suas letras, trazendo em sua poética inspiração para a transformação social. O disco sintetiza, em dez faixas, as angústias, as dores, os medos e as esperanças de uma geração. Expressando a si mesmo, traduzindo o seu olhar sobre o cotidiano, Belchior produziu uma obra fundamental para compreender o Brasil da década de 1970 e uma geração que atravessou anos de opressão e silenciamento.

Sua visão poética da década de 1970 ainda dialoga com os dias atuais, seus versos não ficaram parados no tempo, suas canções são verdadeiros hinos da juventude e música de protesto brasileira.

Belchior deixou seu legado importantíssimo no cenário da música brasileira, foi um grande poeta, um profeta da liberdade, uma referência para os brasileiros, produziu vários álbuns ao longo de 25 anos, fora as parcerias e coletâneas. Cantando a liberdade e a inquietude de uma geração, amando e mudando as coisas, Belchior permanecerá sempre vivo em suas canções, recriando marcos de angústia e liberdade para outras gerações.

Mediante a análise do álbum *Alucinação*, de Belchior, objeto de estudo desta pesquisa, relacionando-o com o imaginário mítico de Eros e Thanatos, como elementos da crítica social e da poética deste artista, podemos evidenciar na escrita

de Belchior as relações do amor e da morte, bem como suas reivindicações simbólicas.

Diante das considerações apontadas, constatamos que Belchior reverbera em sua poética as angústias e esperanças de uma sociedade que estava privada de liberdade diante de um Governo opressor.

Em suma, podemos revelar, mesmo diante de um contexto de pandemia, no qual restringe e dificulta a nossa pesquisa, que a presente pesquisa sobre a obra de Belchior, diante do contexto histórico do Brasil na década de 1970, contribuiu para o nosso crescimento intelectual, levando-nos a refletir o atual cenário político brasileiro.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho identificaram-se questões que permitem o desenvolvimento de outros estudos para ampliar o entendimento do objeto estudado, pretendido em futura pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- ARRETO, Marco Heleno. **Imaginação Simbólica**. São Paulo: Loyola, 2008
- AZEVEDO, Monia Karine; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, p. 67-75, abril. 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/4520-15076-1-PB.pdf>. Acessado em 26 out. 2021.
- BAHIANA, Ana Maria. **Nada será como antes: MPB nos anos 70**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- BELCHIOR, Antônio C. G. **Alucinação**. Rio de Janeiro: PollyGran/ Philips, 1976. LP produzido por Mazola. Lançado em CD em 1980 pela PollyGran/ Philips.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BUARQUE, Chico. **Letra e Música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- EROS e Thanatos, pulsões de vida e morte. **Eventos Mitologia Grega**, Belo Horizonte, 11 de agosto. 2011. Disponível em: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/2011/08/eros-e-thanatus-pulsoes-de-vida-e-morte.html>. Acesso em: 27 de set. 2021
- GARRIDO, Francisco Airton Martins. "Tudo muda, e com toda razão": a canção como forma de expressão e defesa do novo na música popular brasileira na década de 1970. Análise do elepê *Alucinação* (1976) do cantor e compositor Belchior. Cajazeiras, 2018. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/8772/3/FRANCISCO%20AIRTON%20MARTINS%20GARRIDO.%20TCC.%20LICENCIATURA%20PLENA%20EM%20HIST%20c3%93RIA.%202018.pdf> . Acesso em: 28 de set. 2021.
- VANDRÉ, Geraldo. **Geraldo Vandré no Chile**, 1968.
- HABERT, Nadine. **A Década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992.

HOLANDA, C; COSTA, I; SAMPAIO, M. Uma biografia do Trovador. **O Povo**, Fortaleza, 24 de setembro de 2021. Disponível em:

<https://especiais.opovo.com.br/belchior70anos/> . Acesso em: 24 set. 2021.

LIMA, Irlam. Do sucesso à reclusão: a história e a vida do cantor Belchior. **Correio Braziliense**, Brasília, 01 de maio de 2020. Disponível em:

https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/05/01/interna_diversao_arte,592426/do-sucesso-a-reclusao-a-historia-e-a-vida-do-cantor-belchior.shtml . Acesso em: 24 de setembro de 2021.

MATTOSO, Glauco. **O que é poesia marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, 43)

MEDEIROS, Jotabê. **Belchior-Apenas um rapaz latino-americano**. São Paulo: Todavia, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural. Educadores Dia a Dia Educação, 2002. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2napolitano70_artigo.pdf. Acesso em 13 ago. 2021.

OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner. A crítica musical e o *rock* brasileiro nas páginas da revista *Pop* (1972-1979). **Comunicação e Informação**. Goiânia, v. 19, n. 1, p. 70-86, jan./jun. 2016. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80855>. Acesso em 27 outubro, 2021.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Tradução de Olga Savary.

PINTO, Nathalia. **Apenas um rapaz latino-americano**: a experiência do migrante nordestino na canção de Belchior. Disponível em:

https://www.ufrgs.br/ppgletras/coloquiosularquipelagos/artigos/38_Apenasumrapazlatinoamericano.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

ROSSETTI, Regina. Belchior e Nietzsche: muito além do bigode. **Sonora**, Campinas, v. 6, n. 12, p. 1-16. 2017. Disponível em

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/706/969>. Acesso em 13 ago. 2021.

VIEIRA, Fátima. A Luta Entre Eros e Tanatos se decide dentro de nós a cada instante. **Psique**, Santa Catarina, 9 de setembro de 2015. Disponível em:

<<http://blog-psique.blogspot.com/2015/09/luta-entre-eros-e-tanathos-se-decide.html>> . Acesso em: 27 de setembro de 2021.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

Tradução Maria Stela Gonçalves.

ZAGHETTO, Heitor. A Alucinação” de Belchior: delírio e nordestinidade nas canções de um migrante nordestino na metrópole. Rio de Janeiro, julho. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34218653/A_ALUCINA%C3%87%C3%83O_DE_BELCHIOR_Del%C3%ADrio_e_Nordestinidade_nas_can%C3%A7%C3%B5es_de_um_migrante_nordestino_na_metr%C3%B3pole. Acesso em: 28 set. 2021.

ZAGHETTO, HEITOR. A “ALUCINAÇÃO” DE BELCHIOR: Delírio e Nordestinidade nas canções de um migrante nordestino na metrópole, Rio de Janeiro, Julho de 2017. Disponível em:

<https://www.academia.edu/34218653/A_ALUCINA%C3%87%C3%83O_DE_BELCHIOR_Del%C3%ADrio_e_Nordestinidade_nas_can%C3%A7%C3%B5es_de_um_migrante_nordestino_na_metr%C3%B3pole> Acesso em: 28 de setembro de 2021.

ANEXO A

ALUCINAÇÃO (letra e música - Belchior)

Eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Nem em tinta pro meu rosto ou oba oba, ou melodia
 Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
 Eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Nem nessas coisas do oriente, romances astrais
 A minha alucinação é suportar o dia a dia
 E meu delírio é a experiência com coisas reais
 Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
 Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
 Garotas dentro da noite, revólver: cheira cachorro
 Os humilhados do parque com os seus jornais
 Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
 E a solidão das pessoas dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego
 Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais
 Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"
 Doze jovens coloridos, dois policiais
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida
 Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
 Amar e mudar as coisas me interessa mais
 Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais
 Um preto, um pobre, um estudante, uma mulher sozinha
 Blue jeans e motocicletas, pessoas cinzas normais
 Garotas dentro da noite, revólver, cheira cachorro
 Os humilhados do parque com os seus jornais
 Carneiros, mesa, trabalho, meu corpo que cai do oitavo andar
 E a solidão das pessoas dessas capitais
 A violência da noite, o movimento do tráfego
 Um rapaz delicado e alegre que canta e requebra, é demais
 Cravos, espinhas no rosto, rock, hot dog, "play it cool, baby"
 Doze jovens coloridos, dois policiais
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida
 Cumprindo o seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida
 Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
 Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
 Longe o profeta do terror que a laranja mecânica anuncia
 Amar e mudar as coisas me interessa mais
 Amar e mudar as coisas, amar e mudar as coisas me interessa mais

ANEXO B**Como Nossos Pais** (letra e música: Belchior)

Não quero lhe falar meu grande amor
Das coisas que aprendi nos discos
Quero lhe contar como eu vivi
E tudo o que aconteceu comigo
Viver é melhor que sonhar
Eu sei que o amor é uma coisa boa
Mas também sei que qualquer canto
É menor do que a vida
De qualquer pessoa
Por isso cuidado meu bem
Há perigo na esquina
Eles venceram
E o sinal está fechado prá nós
Que somos jovens
Para abraçar seu irmão
E beijar sua menina na rua
É que se fez o seu braço
O seu lábio e a sua voz
Você me pergunta pela minha paixão
Digo que estou encantada
Como uma nova invenção
Eu vou ficar nesta cidade
Não vou voltar pro sertão
Pois vejo vir vindo no vento
Cheiro de nova estação
Eu sei de tudo na ferida viva
Do meu coração
Já faz tempo eu vi você na rua
Cabelo ao vento
Gente jovem reunida
Na parede da memória
Essa lembrança
É o quadro que dói mais
Minha dor é perceber
Que apesar de termos
Feito tudo o que fizemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais
Nossos ídolos ainda são os mesmos
E as aparências
Não enganam não
Você diz que depois deles
Não apareceu mais ninguém

Você pode até dizer
Que eu 'tô por fora
Ou então que eu 'tô inventando
Mas é você que ama o passado
E que não vê
É você que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem
Hoje eu sei que quem me deu a ideia
De uma nova consciência e juventude
'Tá em casa
Guardado por deus
Contando vil metal
Minha dor é perceber
Que apesar de termos feito tudo, tudo
Tudo o que fizemos
Nós ainda somos os mesmos
E vivemos

Ainda somos os mesmos
E vivemos
Ainda somos os mesmos
E vivemos como os nossos pais